



Maré de Mulheres: experiências de auto-organização coletiva frente à insegurança alimentar durante a pandemia do Covid-19
Tide of Women: Experiences of Collective Self-Organization in the Face of Food Insecurity During the Covid-19 Pandemic

GRAÇA GENEROSO PEREIRA, Letícia¹.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro, leticiapereira@iesp.uerj.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Gênero, Feminismos e Diversidades na Construção Agroecológica

Resumo: O capitalismo materializa sobre os corpos das mulheres, especialmente as não brancas, as formas mais cruas de opressão, colocando-as em situação de maior vulnerabilidade diante de crises sanitárias, climáticas e econômicas. Em territórios periféricos, as desigualdades atenuam-se, dada a constância nos conflitos, lacuna de serviços, infraestrutura e políticas públicas. A COVID-19 agravou a desigualdade econômica e aumentou o montante do orçamento familiar destinado à compra de alimentos e acesso à serviços (ARRETCHE, 2018). Por outro lado, vemos mulheres à frente da construção de redes, cobrando do poder público e construindo soluções desde e para o próprio território (FENIZOLA, 2020). Este relato busca olhar para as especificidades dos efeitos da pandemia sobre os corpos feminizados e racializados das mulheres do território do Complexo da Maré, a fim de visibilizar a auto-organização coletiva e suas alternativas para driblar a grave insegurança alimentar.

Palavras-Chave: capitalismo patriarcal; feminismos comunitários; auto-gestão dos territórios; soberania alimentar.

Contexto

A pandemia da COVID-19 escancarou as especificidades da situação vivida pelas mulheres em contextos de desigualdade socioeconômica, evidenciando iniquidades de caráter sistêmico responsáveis por perpetuar as brechas de gênero.

Com a divisão sexual do trabalho, que se aprofunda e se hierarquiza durante o capitalismo, as mulheres passam a ser responsáveis pelo trabalho reprodutivo, realizado no âmbito doméstico e altamente desvalorizado e invisibilizado, enquanto os homens se dedicam ao trabalho produtivo, remunerado, e que tem por objetivo a produção para o mercado na esfera pública. As mulheres são excluídas ou minimizadas no mundo do trabalho. As ocupações associadas às tarefas domésticas e de cuidados (remuneradas ou não) são responsabilidade quase exclusiva delas, enquanto as relações de exploração são piores quando é incluído um olhar interseccional, de raça e classe. Para manter a opressão e a subalternidade, o capitalismo precisa de um sistema racializado, estratificado, generificado, sexualizado e baseado na família nuclear. As mulheres continuam sendo mais pobres, mais dependentes, com menos direitos, com menos acesso à terra e com menos tempo disponível,



dada
a sobrecarga de cuidados." (OLIVERA, GRAÇA, PODCAMENI,
LUSTOSA, 2021, p.8, 2020).

Dado esse cenário, o projeto de pesquisa Maré de Mulheres nasceu da necessidade de conhecer melhor a realidade de opressão das mulheres no Brasil, procurando observar ao mesmo tempo as formas de organização comunitária e as estratégias de resistência surgidas desde os territórios. Realizamos, entre os meses de setembro de 2021 e agosto de 2022, o nosso trabalho de campo com as moradoras de favelas de Nova Holanda e Baixa do Sapateiro, localizadas no território da Maré, o maior complexo de favelas do Rio de Janeiro com população aproximada de 140 mil habitantes, segundo o Censo Maré 2019¹. A escolha do território se deu a partir do vínculo afetivo das estudantes bolsistas do projeto, que, enquanto moradoras, determinaram a preferência por olhar para experiências localizadas no seu espaço cotidiano. O principal objetivo deste projeto foi localizar, fortalecer e sistematizar alternativas que vêm da favela e que tenham mulheres à frente para inspirar ações políticas concretas que visem à transformação das cidades, desde um olhar de gênero inclusivo e sustentável.

Embora o artigo não tenha um foco direto em práticas agroalimentares de produção, distribuição e troca, o olhar metodológico adotado mapeou experiências que foram construídas sob o marco popular das práticas comunitárias e que, em consequência do contexto estrutural exposto anteriormente, optou por focar no papel de redes, organizações e coletivos que construíram saídas para combater a grave insegurança alimentar que se instaurou nas favelas e que tem em suas práticas a garantia coletiva da aquisição e distribuição de alimentos, assim como de materiais estruturais necessários, tal qual o gás de cozinha ou acesso a cozinhas coletivas. Com protagonismo daquelas responsáveis pela sobrevivência e cuidado de suas famílias, as mulheres, entendemos que o relato que se segue tem a solidariedade em seu centro e, portanto, tem muito a contribuir na discussão dos preceitos coletivos que conformam a soberania alimentar, tema central para se pensar a construção agroecológica. Entendemos também que, diante dos resultados que encontramos, a agroecologia urbana poderia ter sido central no combate à insegurança alimentar das famílias mareenses caso estivesse presente em rede nesse território. O contexto exposto faz com que enxerguemos na apresentação desse relato a possibilidade de enriquecimento de visões sobre o estudo de caso, uma vez que contará com comentários e sugestões de sujeitos que protagonizam a construção da agroecologia em territórios urbanos, tal qual outras favelas do Rio de Janeiro. Dessa forma, pensar na prática o fortalecimento da capacidade de agência das mulheres favelizadas e racializadas da favela da Maré vai de encontro, diretamente, a: (vi) contribuição das mulheres para a construção de sistemas

¹ O Censo Maré, projeto realizado em parceria com o Observatório de Favelas, é um instrumento simbólico e prático de produção de conhecimento sobre as comunidades da Maré e seus moradores por meio de pesquisas regulares no território, mostrando quais são as vulnerabilidades e os aspectos que precisam ser mais desenvolvidos.



agroalimentares social e ambientalmente justos, com soberania, segurança alimentar e nutricional e com proteção da agrobiodiversidade; (vii) violência de gênero, migração, direitos humanos, pobreza e desigualdade das mulheres; (ix) mulheres latino-americanas rurais, indígenas e quilombolas diante da COVID-19; (x) Experiências institucionais e ou de movimentos sociais e os desafios da transformação das relações de gênero no campo.

Descrição da Experiência

Desde o ponto de vista metodológico quantitativo, se estudou estatisticamente o perfil das mulheres e dissidências de iniciativas localizadas nas favelas de Nova Holanda, Baixa do Sapateiro e Parque União – ambas favelas localizadas no Complexo da Maré, Rio de Janeiro. Qualitativamente, contamos com as metodologias não verticalizantes que envolvem questões pedagógicas, artísticas e antropológicas, para a realização de estudos de campo que mapearam coletivamente os núcleos de resistência a partir da própria experiência dos atores protagonistas do território selecionado e com indicativos produzidos pelos mesmos: a cartografia social.

Foram implementadas duas estratégias metodológicas principais:

a) Entre maio e dezembro de 2021, adaptou-se a metodologia de pesquisa às restrições de circulação que ainda vigoravam no território brasileiro, realizando uma aproximação de etnográfica digital baseada no acompanhamento e recopilação de dados das redes sociais de organizações e coletivos de mulheres da Maré. A seleção dos perfis de redes sociais observados, portanto, se baseou no conhecimento prévio da bolsista, e teve como objetivo permitir uma primeira aproximação do grupo às estratégias desenvolvidas por distintas organizações durante a pandemia. Em coerência com isso, realizamos um levantamento de informações correspondentes a sete organizações, que posteriormente foram classificadas em sete eixos: 1) descrição da organização; 2) objetivos; 3) redes sociais utilizadas e principais usos; 4) ações realizadas durante a pandemia; 5) impactos em gênero e raça; 6) identidade visual, consignas e outras características; 7) retornos, comentários, impactos.

b) Durante julho e agosto de 2022 foi realizado um trabalho de campo presencial no bairro Nova Holanda, consistindo fundamentalmente na aplicação de 50 questionários com perguntas fechadas e abertas, e a realização de uma oficina com as participantes do projeto “Para Elas”.

Resultados

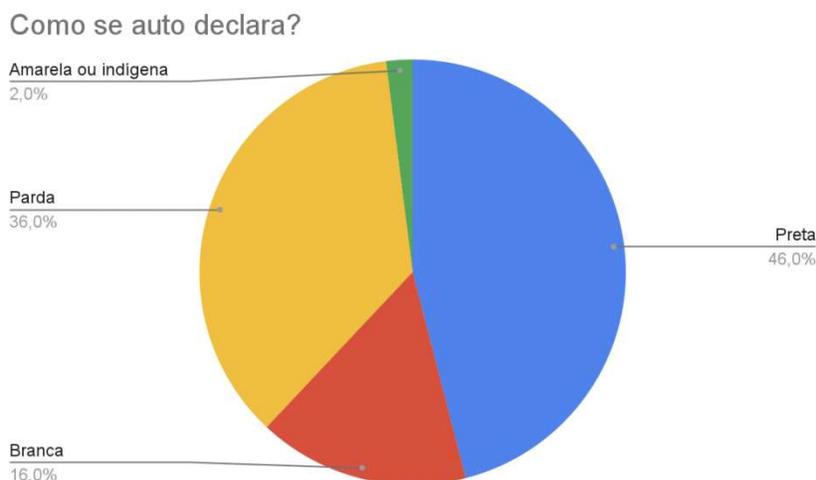
Levantamento virtual: esta estratégia inicial nos permitiu identificar a realização de ações como distribuição de cestas básicas, materiais de higiene e máscaras de proteção, comunicação de informações baseadas em fontes oficiais e ataque de “fake news”, divulgação de campanhas de vacinação contra a COVID-19 e organização de “vaquinhas”. Em relação aos impactos em gênero e raça,



observamos que algumas organizações realizam atividades dirigidas especificamente às moradoras mulheres, como a arrecadação de doações, atividades esportivas e artísticas, e rodas de conversa. Algumas dessas atividades foram afetadas pela pandemia, como a realização de aulas e reuniões, mas os grupos conseguiram se adaptar e realizar atividades na modalidade virtual, além de incorporar outras de caráter urgente no contexto, como a arrecadação de cestas básicas e produtos de proteção e higiene.

A partir da análise das respostas obtidas, alcançamos uma visão quantitativa mais precisa da situação socioeconômica das mulheres e suas famílias, e as experiências de participação em organizações comunitárias. Por outro lado, a realização da oficina, possibilitou um ambiente mais descontraído e aberto à escuta, onde as mulheres tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões e saberes. As oficinas foram gravadas com o consentimento das participantes e a análise desses áudios servirá, no futuro, para um aprofundamento da dimensão qualitativa da pesquisa. Por fim, considerando o duplo vínculo das bolsistas-moradoras, no decorrer do processo de pesquisa tivemos a ideia de propor a elas a elaboração de um pequeno relato, em primeira pessoa, contando como tinham ficado sabendo da chamada e como foi para elas participarem do projeto. DADOS: Em relação ao perfil das entrevistadas, observamos que a metade possui entre 25 e 50 anos, a grande maioria se autodeclara como preta ou parda (82%, segundo o Gráfico 1), o 70% declarou estar solteira, enquanto só 26% está casada ou com parceiro estável.

Gráfico 1: *Raça/Cor das mulheres entrevistadas segundo autodeclaração. 08/2022. Comunidade da Maré.*

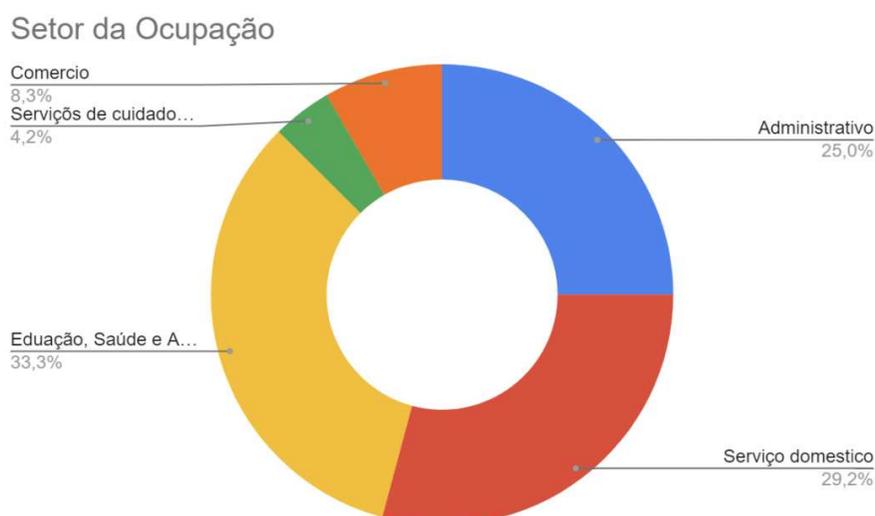


Fonte: Elaboração própria em base a tabulados das respostas das entrevistadas.



Das 50 mulheres entrevistadas, a metade declarou não ter filhas/filhos, enquanto a outra metade tinha 2 (20 %), 1 (16 %), 3 (12 %) e 4 (2 %). Das mulheres que têm filhos, um 48 % é mãe solo, o que evidencia o peso da sobrecarga de cuidados que essas mulheres vivenciam. Respeito à situação socioeconômica, do total das entrevistadas, somente 48 % está atualmente empregada, sendo que 22 % perdeu o emprego durante a pandemia de COVID-19. Os trabalhos estão essencialmente associados às tarefas de cuidados, em coerência com o padrão da divisão sexual do trabalho e dos papéis sociais de gênero que caracterizam o capitalismo patriarcal, como mencionado na seção 1. Como se evidencia no Gráfico 2, entre as ocupações se destacam os setores de Educação, Saúde humana e Serviços Sociais; Serviços domésticos; e Serviços administrativos.

Gráfico 2: Setores da ocupação das mulheres entrevistadas. 08/2022. Comunidade da Maré.



Fonte: Elaboração própria em base a tabulados das respostas das entrevistadas.

Quando as entrevistadas foram consultadas sobre questões de segurança alimentar, outro dos grandes problemas que atingiu à população brasileira², o 20 % respondeu que a família sofreu com a falta de alimentos, enquanto 72 % respondeu que a família teve que mudar os seus hábitos alimentares durante a pandemia. Como tinha sido possível observar durante a pesquisa digital exploratória, os efeitos das mencionadas situações de crise dos cuidados, da pobreza do tempo e da

² Segundo levantamento do 2º Inquérito Nacional Sobre Segurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, divulgado em 8 de junho de 2022, mais da metade da população (58,7%) sofre com a insegurança alimentar em algum grau em 2022, seja ele leve, moderado ou grave. Trata-se de um aumento de 7,2% em relação a 2020, quando foi feita a primeira edição da pesquisa e quando a pandemia foi decretada pela OMS. Segundo os especialistas responsáveis pelo estudo, esse quadro preocupante não se deve apenas à pandemia de covid-19 e aos impactos econômicos da guerra na Ucrânia, mas também à falta de atuação do poder público (NEXO JORNAL, 2022).



exaustão foram em muitos casos reduzidos graças à construção de redes de apoio e fortalecimento das relações comunitárias, mesmo no contexto de distanciamento social. Por fim, teve-se que, do total de mulheres entrevistadas, 66% responderam que participam de alguma organização, projeto ou ação social da Maré, 40% comentou que já participava antes da pandemia, enquanto 26% começou a participar durante a crise sanitária associada com o COVID-19.

A partir da análise dos dados levantados nesse projeto de pesquisa, fica evidente a necessidade de trazer as experiências de organização territorial e comunitária para recuperar os saberes populares e ancestrais da organização social e produtiva, de forma a superar os desafios estruturais e construir redes de fortalecimento social. É importante que isto aconteça, especialmente, dentro das instituições governamentais, garantindo a conexão entre lideranças locais e o desenho e implementação de políticas regionais, nacionais e internacionais. Fica evidente também a necessidade de pensar os cuidados de forma integralizada, a partir dos território-corpo e do território-terra³, imbricando o entendimento de que fazemos parte de um sistema interconectado. Nesse caminho, deve-se pensar a perspectiva socioambiental do cuidado que faz parte da reflexão dos feminismos subalternos, entendendo o cuidado como um processo.

Por fim, a experiência relatada evidencia a necessidade da inclusão do olhar territorial nas políticas públicas agroecológicas como forma de valorizar o saber construído a partir do protagonismo das mulheres na luta diária pela manutenção dos laços que sustentam a vida em suas comunidades e territórios, de forma integral.

Em resumo, o sistema capitalista ancorado no extrativismo extensivo, na exploração do trabalho humano, dos corpos, dos recursos, dos seres vivos e também dos territórios, está colocando a existência planetária à beira da extinção e precisa ser substituída por alguma forma de organização social que coloque novamente a vida no centro, entendendo a vida em sentido amplo, não exclusivamente a vida humana, mas toda a vida existente no planeta. Espera-se que esse relato seja de contribuição para a construção teórica e prática desse outro modo de viver.

Agradecimentos

A realização do presente projeto foi possível graças ao financiamento outorgado pelo edital Projetos Especiais UFRJ 01/2021 do Parque Tecnológico junto com a Fundação COPPETEC. Código de projeto IEI-23895. Agradeço especialmente às trabalhadoras e trabalhadores técnico administrativos do Parque e da COPPETEC

que com muita dedicação e cuidado auxiliaram a equipe nas questões burocráticas e deram resposta a todas as nossas dúvidas. Agradeço também à coordenadora do projeto: Margarita Olivera (NuEFem/IE/UFRJ) por todo o empenho e sensibilidade que atuar no território pede. Às colaboradoras Carolina Castellitti (PPGAS/Museu

³ Conceitos cunhados pela feminista comunitária guatemalteca Lorena Cabnal, nos quais território-terra se define como a relação do tempo com a natureza e território-corpo a relação do corpo com o território-terra (CABNAL, 2018).



Nacional/UFRJ), Juliana Pinho dos Santos (Bolsista de IC, IFCS/UFRJ), Carla Vanise Oliveira (Voluntária IC, IE/UFRJ), Ana Maria Silva dos Santos (Estagiária Ensino Médio) e Mariana Silva dos Santos (Estagiária Ensino Médio).

Referências bibliográficas

ARRETCHE, MARTA. **Democracia e Redução da Desigualdade Econômica no Brasil: A Inclusão dos Outsiders**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 33, n. 96, 2018.

FENIZOLA, L. " **Soluções que Vêm das Favelas: Como Moradores Estão Agindo e Cobrando Diante da Pandemia**". RioOnWatch. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=45925>. Acesso em: 02 de Agosto de 2022.

OLIVERA, M. S. et al. (2021). **A dimensão de gênero no big push para a sustentabilidade no Brasil: as mulheres no contexto da transformação social e ecológica da economia brasileira**, Documentos de Projetos (lc/ts.2021/6; lc/brs/ts.2021/1), Santiago e São Paulo, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe e Fundação Friedrich Ebert Stiftung.